ALIENAÇÃO E PRESSÃO DURANTE A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

ALIENATION AND PRESSURE DURING THE LEARNING OF ENGLISH

Sabrina Mesquita de Rezende (AG)[1]
Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão
Luciane Guimarães de Paula[2]
Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão

Resumo:
O presente trabalho é parte integrante do projeto pesquisa em andamento de mesmo nome, tem como objetivo investigar o processo de alienação e a pressão que o aluno sofre para aprender o inglês como língua global. A metodologia de pesquisa se enquadra no paradigma qualitativo. Os instrumentos de coleta de dados incluem: observações de aulas, entrevistas e questionários com alunos de ensino médio analisando a motivação e pressão ao estudar inglês. Inicialmente, na pesquisa bibliográfica, refletirmos sobre como a multinacionalidade, imperialismo e dominação cultural interfere no ensino e aprendizagem de inglês. Para tanto, esta pesquisa se apoia nos textos teóricos de Leffa (2001), Hardt e Negri (2006), Santos (2005) e Moita Lopes (1996). Percebe-se que a atitude alienada dos estudantes de inglês é uma consequência do processo de colonização imperialista do século XXI, assim nos dias atuais o ensino da língua inglesa representa um instrumento de dominação cultural. Logo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão teórica acerca de um tema polêmico que permeia o contexto de ensino de línguas estrangeiras, principalmente o ensino da língua inglesa.
Palavras-Chave: Dominação Cultural, Imperialismo, Multinacional

[1] Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Goiás – Catalão. Email: sa_brina-rezende@hotmail.com

[2] Professora Adjunta do Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Doutora em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Email: luciane_sguimaraes@hotmail.com

Abstract:
The present work is part of a research project in course and has as its main purpose the study of the pressure that students suffer while they are learning English as a global language. The research adopts a qualitative methodology and the instruments for collecting the data include: class observations, interviews and questionnaires for the students. As a first step, we will discuss the motivation and pressure for studying English. Then we reflect on how multinationality, Imperialism, and Cultural dominance influence in the teaching and learning of English. Thus, this research is based on the theories of authors such as Leffa (2001), Hardt & Negri (2006), Santos (2005) and Moita Lopes (1996). The narrow-mindedness attitude of the students while learning English is related to the consequences of the imperialist colonization in the 21st. century, thus, in present, the teaching of English represents an instrument of cultural domination. So, the present work aims at introducing a theoretical discussion about such polemic subject that permeates the foreign language teaching contexts, mainly the English language teaching.
Keys-Words: Cultural Domination, Imperialism, Multinational.

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a realidade social brasileira evidencia, dentre outros problemas, o fracasso da educação pública gratuita por uma série de razões como, por exemplo, a falta de uma política governamental efetiva para reformar o ensino público no país. Além disso, a dificuldade que o indivíduo de condições econômicas inferiores tem em investir na sua própria qualificação profissional e educação de modo geral, contribui para a manutenção dessa realidade. Em relação à aprendizagem de língua estrangeira, especialmente a língua inglesa, observa-se que o ensino do inglês no país tem sido apontado como um fator que contribui para o desequilíbrio social (PAIVA, 2010). De fato, como destaca a autora aqueles que sabem inglês têm mais oportunidades do que os que não sabem, o que a aprendizagem da língua um fator de exclusão ao privi-

legiar no mercado de trabalho aqueles que têm o "domínio" da língua inglesa (PAIVA, 2010).

Assim, ao se considerar as exigências da sociedade pós-moderna, observa-se que o individuo se vê obrigado a ter proficiência em língua inglesa tanto de no sentido "abrir as portas" do mercado de trabalho quanto no sentido da realização pessoal, pois hoje o inglês tem se tornado um conhecimento indispensável no contexto da globalização. De fato, a relação entre a língua inglesa e a globalização apresenta-se de tal forma arraigada que o próprio o conceito de globalização está relacionado com o processo de transformação de um fenômeno local em um fenômeno globalizado, como ocorreu com a transformação da língua inglesa em língua franca (SANTOS, 2012). Segundo Souza (2011, p. 133) "... historicamente, a educação brasileira deixou-se afundar em um estranho e bizarro caso de alienação. A comunicação em línguas estrangeiras, com especial destaque para a língua inglesa, representa um conjunto de habilidades altamente valorizado pela sociedade brasileira..." .

Diante disso, este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a pressão psico-social que o individuo sofre ao se ver "obrigado" a aprender inglês e como esta realidade representa as consequências de uma herança colonialista, que por sua vez promove a alienação por parte de alunos e professores.

Refletir sobre o ensino da língua Inglesa como língua global é antes de tudo um posicionamento político, pois o inglês interage com segmentos de poder que servirá de instrumento para a concretização de um processo de dominação repleto de nuanças ideológicas. Deve-se considerar o caráter multinacional e hegemônico que atende aos interesses imperialistas promovedor da alienação.

A questão central que permeia nosso estudo é a discussão sobre o processo de alienação/conscientização do aluno enquanto aprendiz do inglês como língua global. Assim pretende-se discutir neste artigo a pressão que o aluno sofre para aprender inglês enquanto língua globalizada. Em outras palavras, quem é esse aluno? Um indivíduo que se aliena ou que assume um posicionamento crítico acerca do aprendizado da Língua Inglesa?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA INGLESA

Se considerarmos o meio social é como o grande palco de realizações linguísticas e manifestações culturais, visualizamos o aprendiz de uma língua es-

trangeira, como um indivído que interage com o esse meio influenciando e também recebendo influência dele. Assim, no contexto da sociedade globalizada, essa relação com o meio sócio-cultural se multiplicou de forma assustadora e tornou mais intenso e célere o contato entre as diversas línguas e culturas. Segundo Santos (2002) a "viragem cultural" veio reacender a questão da primazia causal na explicação da vida social e, com ela, a questão do impacto da globalização cultural" (CHASE-DUNN,1992, apud SANTOS, 2002, p.34)

É relevante observarmos a intrínseca relação entre construto histórico-social e a herança cultural do aluno, ou seja, é impossível dissociarmos o passado colonialista, que era sustentado entre níveis hierárquicos: superioridade versus inferioridade, e as consequências desse contexto na sociedade contemporânea brasileira.

Logo, observa-se a alienação do aluno que, ao entrar em contato com uma língua tida como hierarquicamente superior como é o caso da língua inglesa, absorve o sentimento de inferioridade em relação à sua língua materna. Esse sentimento é a conseqüência da inadvertida reprodução da hegemonia cultural oriunda da política colonialista das metrópoles em relação aos povos colonizados que sempre existiram no mundo. Nesse contexto, destaca-se o fato de a transmissão de uma cultura estar vinculada a língua que adota um discurso ideológico de dominação cultural sempre estabelecendo uma relação de dependência entre colonizador e colonizado.

A imposição de uma língua estrangeira multinacional, habitualmente abole fronteiras, endossando um discurso ideológico pernicioso, o que promove a homogeneização linguística e, por conseguinte, reconstrói a vertente: colonizador/colonizado. A que considerar que a inclusão de uma língua e cultura globais sempre manterá uma relação conflituosa com a cultura e língua local de uma determinada região. Portanto, a dominação cultural imposta por meio de um instrumento paternalista, etnocentrista e racista promove a propagação de uma ideologia que determina uma prescrição e proscrição sociolinguística, mantendo, assim, uma suposta supremacia cultural.

O caráter multinacional da língua inglesa é fator preponderante no aprendizado, visto que, as motivações e expectativas dos estudantes são traços distintivos em detrimento de uma língua nacional:

> [...] se o aluno escolhe inglês, as hipóteses de sua motivação já são diferentes; ele pode estar escolhendo o inglês, não por gosto pessoal, mas por uma motivação instrumental, por uma imposição do mercado de trabalho. Vai estudar inglês porque precisa; não porque gosta. Há um interesse imediato, menos nobre, que se sobrepõe a uma motivação integrativa, no sentido de Gadner e Lambert (1972). A hipótese de que o aluno quer estudar inglês porque admira a língua e a cultura pode ser vista neste caso como alienação e colonialismo mental. (LEFFA, 2001, p. 11)

A opção pelo inglês acarreta motivações inerentes a conjectura hegemônica da língua no contexto transfronteiriço capitalista, ou seja, a motivação está alicerçada por questões instrumentais e não por afinidade com a língua. Logo, o estudo do inglês representa uma imposição tácita do mercado de trabalho, uma necessidade sócio-econômica. De fato, se a motivação do aluno para aprender o inglês for oriunda ou se nutrir de uma de admiração exagerada pela cultura e língua Inglesa, essa motivação pode ser indícios das dimensões de alienação e colonização mental (MOITA LOPES, 1996).

O processo de alienação ou de colonização mental empreendido pela língua inglesa atualmente é o mesmo de dominação que ocorreu no século XVI pelos portugueses. Assim, com o intuito de dominar a colônia não utilizou apenas a força física, mas também a ideológica, ou seja, na figura jesuítica a língua portuguesa alcançou os patamares de língua dos civilizados, estabelecendo a relação entre superioridade e inferioridade. Em relação á língua inglesa é o mesmo processo, se ensina inglês com juízo de valores, o idioma e cultura estão num nível superior á cultura local. Portanto, é reproduzido o mesmo ideal colonizador praticado no passado:

> Para manter sua hegemonia é preciso que o colonizado aceite a figura do grande pai colonizador que está sempre presente a fim de proteger a colônia de suas fraquezas intrínsecas. É preciso que o colonizado compreenda a sua necessidade da ajuda paternalista do colonizador [...] (MOITA LOPES, 1996, p.48)

Com o objetivo de manter a supremacia política, econômica e sociolinguística, se estabelece uma relação entre colonizador e colonizado, ou entre superioridade e inferioridade, ou seja, uma relação de confiança

do colonizado pelo colonizador. A aceitação por parte do colonizado culminará em posicionamentos paternalista, etnocentrista e racista, pois o colonizador será considerado um defensor, capaz de defender o colonizado de qualquer intempérie. A visão etnocentrista e racista refere-se ao fato dessa relação desigual, na qual o colonizador vai impor á sua cultura e língua como ideal superior, ocasionando sentimentos de inferioridade á cultura local.

Portanto, a aceitação quase doutrinária referente á língua e cultura inglesa por parte do aluno remonta a uma reprodução sistemática do mesmo processo empreendido pelos colonizadores portugueses no século XVI.

Atualmente, a hegemonia global mudou de mãos, no entanto, o processo é o mesmo. A língua se configura em um instrumento ideológico de coerção e um dos mais eficazes para promover a dominação, visto que, não é necessário o uso pela força. O próprio indivíduo se convence ideologicamente de que aqueles valores culturais exteriores é melhor do que os inerentes a sua cultura.

Dessa forma, o estudante que inadvertidamente é envolvido num sentimento platônico de desejo pela língua alvo é levado inconscientemente a aceitar os aspectos culturais e ideais representados pela cultura do país da língua estrangeira. Tais aspectos culturais vêm representados no material didático e também são reproduzidos pelo discurso do professor em sala de aula. Desse modo, sem que ele perceba, o aluno ao admirar exageradamente a cultura exterior e ignorar ou desprestigiar a cultura local já se encontra num processo de alienação, Nesse sentido, Moita Lopes (1996, p. 42-43), em seu estudo sobre a alienação e o ensino de Inglês no Brasil, assevera que:

> A exigência de uma pronúncia tão perfeita quanto a do nativo e a incorporação de hábitos culturais, ou seja, a cópia xerox do falante nativo, não podem ter outro motivo senão o de domínio cultural. Tal atitude de imitação perfeita é o primeiro sintoma de alienação a se detectar..."

Além disso, a reprodução da relação de superioridade versus inferioridade ganha feições paternalistas, etnocentristas e racistas. A dominação cultural é velada e silenciosa, pois ocorre por meios ideológicos de poder, e não pela força física, o que a torna mais perniciosa para sociedade.

Segundo, Moita Lopes "O colonialismo ou o imperialismo, também chamado de neocolonialismo, mudou de mãos, mas as características são as mesmas." (MOITA LOPES, 1996, p. 44). De modo que, o processo de neocolonialismo assume facetas de dominação econômicas e culturais, estabelecendo um pareamento com o mesmo processo ocorrido no século XVI. Assim, diante de uma supremacia ideológica se domina culturas particularizadas á promover á homogeneização de massa.

O neocolonialismo utiliza dois pesos e duas medidas ao supervalorizar aspectos de uma cultura dominante e desprezar os aspectos das culturas locais. A dominação atinge todos os níveis e espaços sociais, abandonando o aluno em total estado de alienação. Aliás, as atitudes paternalistas da cultura dominante como, por exemplo, a sua cooperação global, é vista de forma positiva pelos estudantes que não percebem que essa atitude é uma das suas estratégias mais eficientes de dominação. A estratégia neocolonialista utilizada pela cultura dominante é manter sob seu controle Estados e Nações em prol de uma ideologia maior, propagando subliminarmente a supremacia de uma cultura sobre outras, de uma língua sobre outras.

Dessa forma, vislumbramos que a aprendizagem da língua inglesa como língua global não é apenas uma questão educacional, mas antes de tudo um instrumento a serviço de uma política neocolonialista uma vez que a aprendizagem e o uso da língua inglesa ocorre com uma manifestação cultural, social e lingüística que tem implicações na vida tanto do indivíduo quanto do coletivo.

O CONTEXTO DA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA

A língua inglesa segundo Santos (2005) é um instrumento ideológico capitalista que atende muito bem aos interesses imperialistas representa um sistema ilimitado de coerção, já que, abole todas as fronteiras e alcança culturas diversas interagindo-as e sobrepondo sob as locais. Como explica o autor:

> A cultura é por definição um processo social construído sobre a intercepção entre o universal e o particular [...]. Os poderosos e envolventes processos de difusão e imposição de culturas, imperialisticamente definidas como universais (SANTOS, 2005, p.35).

Em consonância com o posicionamento de Santos (2005), as autoras Assis-Peterson e Cox (2001) alertam para a falta de uma atitude crítica em relação ao papel do ensino do inglês e principalmente a ausência da alegada neutralidade do inglês como língua internacional. Como explicam as autoras "Se o inglês, é hoje, a língua através da qual as forças do neocolonialismo se dizem, é no seu interior que contra-discursos precisam ser engendrados" (ASSIS-PETERSON e COX, 2001, p.20).

Logo, refletindo a respeito da Língua Inglesa e o seu caráter multinacional, percebe-se a sua representação como sistema universal que se impõe sobre culturas locais e sobre os sistemas particulares, ou seja, considerando a multinacionalidade como elemento caracterizador da Língua Inglesa, percebe-se que a partir dessa caracterização ocorre abolição de fronteiras. E essa inexistência fronteiriça será responsável por reafirmar a língua inglesa como sistema universal contribuindo assim para a predominância hegemônica da sua cultura vista como universal ou global. Assim, nota-se que concebendo a língua Inglesa como sistema universal se configura mais uma vez o idioma como elemento de dominação ideológica, visto que, a língua Inglesa ao aproximar de culturas locais uniformizará esse sistema particular.

Ao refletir a respeito da Língua Inglesa como instrumento de dominação cultural e promovedor de alienação, é relevante observarmos o sujeito transmissor de tal conhecimento. Assim, ao considerarmos o status de língua global que a língua inglesa adquiriu, bem como todas as implicações sociais e culturais que contribuíram para esse processo de globalização, faz-se necessário refletir também sobre as conseqüências em sala de aula, especialmente sobre o sujeito responsável pela divulgação dessa língua e cultura, ou seja, o professor de inglês. De fato:

> Além de ser uma arena repleta de identidades diferentes, a sala de línguas estrangeiras é também um cenário onde culturas diferentes se encontram. Dessa forma, também os aspectos culturais podem influenciar a maneira de ser e agir dos futuros profissionais. Muitas vezes, a influência da cultura de um país estrangeiro pode chegar até o ponto de interferir na identidade cultural do professor, o que faz com que ele desenvolva uma espécie de perda ou desvalorização da sua própria identidade cultural. Isso ocorre quando ele procura se identificar totalmente com a identidade

> cultural de um país ignorando sua identidade cultural de origem. Portanto, ao promover o contato com novas identidades culturais é essencial que o professor incentive o aluno-professor a valorizar a sua própria identidade e a não supervalorizar exageradamente a cultura. (DE PAULA, 2010, p.31... 22).

Nesse sentido, em relação à formação profissional do professor de língua estrangeira, pode-se dizer que é principalmente durante as aulas de língua estrangeira que sua identidade e formação profissional mais se desenvolvem. Segundo Rajagopalan (2001, p. 88), a "sala de aula de línguas estrangeiras é uma arena onde o que devemos esperar normalmente é um choque de identidades".

Assim, o ponto de contato entre essas duas línguas (materna e estrangeira) acarretará uma relação conflituosa, no entanto, na interação entra elas observa-se a supremacia do inglês, pois diante da conjectura globalizada de cooperação não é necessário a imposição pela força, e sim por meio de uma dominação ideológica, na qual o aluno se convencerá dos benefícios do idioma bem como da cultura estrangeira. Nota-se, a imposição do sistema universal em detrimento do particular, neste caso sendo desnecessário o uso da força.

Ao entrar em choque com as identidades dos colegas e professores e com os referenciais teóricos e práticos do curso de formação, os profissionais da educação negociam e renegociam suas identidades continuamente. Desse modo, a construção identitária do discente está vinculada aos processos sociais pertinentes à globalização, ao imperialismo e, por conseguinte ao ensino alienado da Língua Inglesa. Isto ocorre pelo fato, da formação da identidade do sujeito estar alicerçada em pilares contextualizados em conjecturas atuais de hegemonia capitalista.

Observa-se que a postura do aprendiz de língua inglesa de quase adoração é um sinal de alienação, pois o estudante passa a fazer comparações de sua língua com a estrangeira, e conclui que esta é melhor do que aquela. Então, no momento que o aluno se convence dos benefícios que a língua inglesa trará para sua vida, ele já se encontra em um processo latente de alienação, pois "... observa-se uma atitude exageradamente positiva e de quase adoração pela cultura de língua inglesa..." (LOPES, 1996, p. 37).

Portanto, considerar-se-á, o professor um sujeito transmissor de uma ideologia imperialista, representando assim, uma peça-chave do processo de domina-

ção. Nesse sentido, o professor se encontra à mercê de processos socioculturais que o faz refém.

Dessa forma, tanto o aluno como o professor são vítimas de dominação cultual e linguística, gerando um conseqüente ensino alienado da língua Inglesa.

Esses posicionamentos são claramente refletidos no ensino da língua inglesa, pois o idioma é visto como um benefício para o aluno e melhoria de condições de vida, além de manter a superioridade do idioma, integram ao seu ensino juízos de valores, contribuindo para a dominação mental do aluno.

Se por um lado o aluno se aliena facilmente dado a sua herança colonizadora, por outro lado, este indivíduo está inserido num processo de dominação cultural e econômico do século XXI. A língua inglesa é aceita socialmente, possui prestígio social, além de garantir ascensão social.

Logo, neste contexto, o aluno sofre pressão por ter que se adequar e ser aceito socialmente. Enfim, o aluno se encontra à deriva perdido num mar revolto, onde se funde passado e presente rumo a um futuro incerto, ou seja, o aprendiz de língua inglesa carregará o seu passado colonizador aliado à imposição social para aprender o idioma, configurando na pressão psico-social para a aprendizagem da língua inglesa como língua global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a pressão que o aluno sofre para aprender a língua inglesa como língua global percebe-se a nítida política de imposição de uma cultura "dominante" sobre a cultura "dominada" do aprendiz. De fato, o aluno se encontra no fogo cruzado entre sua herança colonizadora e um presente repleto de imposições imperialistas aliados ao caráter multinacional do idioma, fatos estes, que representam obstáculos na construção da identidade cultural do aluno (PAIVA, 2010, ASSIS-PETERSON & COX, 2011, MOITA LOPES, 1996) .

Considerando o estudante de inglês, um indivíduo que se manifesta e se realiza no grande palco social, e em contato com uma língua multinacional, como reconstruir a sua identidade fragmentada? Para responder esta questão devemos considerar o perfil do aluno que estamos formando na língua inglesa. Um indivíduo alienado que é seduzido inconscientemente pela cultura dos colonizadores, ou um aprendiz dotado

de uma visão crítica da língua, que é capaz de fazer uso dos benefícios que o idioma pode lhe proporcionar, mas também é cuidadoso em preservar a sua cultura, e, por conseguinte, a sua identidade como falante não nativo de uma língua global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS-PETERSON, Ana Antonia; COX, Maria Inês P. O professor de inglês: entre a alienação e a emancipação. *Linguagem & Ensino*, vol.4, no.1,2001, p.11-36.

DE PAULA, Luciane Guimarães. *Uma pesquisa colaborativa com duas professoras universitárias de inglês:* entraves e mudanças. 2010. 172fl.Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) _ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

LEFFA, Vilson José. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: ___ LEFFA, Vilson J. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras:* construindo a profissão. Pelotas, 2001, v.1 p.333-355.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. "Yes, nós temos bananas" ou "Paraíba não é Chicago não". Um estudo sobre a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil. In: *Oficina de Linguística Aplicada:* a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, Ed. Mercado das Letras, 1996, p. 37-62.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A lingual inglesa no Brasil e no mundo. In:

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (Org.). *Ensino de Língua Inglesa:* reflexões e experiências. Campinas, SP: Pontes, 2010.

RAJAGOPALAN, K. ELT classroom as an arena for identity clashes. In: GARMAGNANI, A.M.G.; GRIGOLETTO, M. *Inglês como língua estrangeira*: identidade, práticas e textualidade. São Paulo: USP, Humanitas, 2001. p. 70-90.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Uma concepção multicultural de Direitos Humanos*. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ln/n39/a07n39.pdf

Acesso em: 11/11/2012

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Quarta carta ás esquerdas*. Disponível em < http: www.cartamaior.com.br/templates/coluna> Acesso em: 19 de jun. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). A Globalização e as Ciências Sociais. São Paulo, Ed. Cortez, 2005, p. 25-94.

SOUZA, Ricardo Augusto. A língua inglesa na cultura brasileira e na política educacional nacional: um estranho caso de alienação. In: LIMA, Diógenes Cândido (Org.). *Inglês em escolas públicas não funciona*: uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.